

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO ESTRATÉGIA PARA GESTÃO FINANCEIRA PESSOAL E MELHOR QUALIDADE DE VIDA DOS JOVENS

FINANCIAL EDUCATION AS A STRATEGY FOR PERSONAL FINANCIAL MANAGEMENT AND IMPROVING QUALITY OF LIFE FOR YOUNG PEOPLE

Ana Paula Oliveira Vieira Scoassado

ORCID 0009-0006-0717-0143

Universidade de Ribeirão Preto
Ribeirão Preto, SP, Brasil
paulascoassado@gmail.com

Rodrigo de Oliveira Plotze

ORCID 0000-0002-8089-1936

Universidade de Ribeirão Preto
Ribeirão Preto, SP, Brasil
rplotze@unaerp.br

Resumo. O presente estudo compreende o tema da educação financeira, bem como sua contribuição para finanças pessoais. O objetivo foi analisar como a educação financeira pode contribuir para consciência de gestão financeira pessoal e melhor qualidade de vida dos alunos envolvidos na pesquisa. Foi proposto, como objeto de aprendizagem, uma animação audiovisual com o intuito de promover a reflexão e despertar o interesse dos jovens que ingressam no mercado de trabalho, e que necessitam de informações e orientações para transitar de forma segura na realidade financeira na qual serão inseridos. Classifica-se esta pesquisa como exploratória-descritiva, de abordagem quali-quantitativa. Para a coleta de dados foram aplicados dois questionários aos jovens, com objetivo de compreender as características sociodemográficas e conhecimento prévio dos alunos sobre o tema da educação financeira, e a percepção dos jovens através do objeto de aprendizagem. Os dados foram analisados empregando estatística descritiva, como frequência e desvio padrão, e por meio da análise de livre interpretação, de modo a verificar como a educação financeira pode contribuir para melhorar a qualidade de vida dos jovens e os estimular a realizar escolhas conscientes de consumo. Esta pesquisa justifica a importância da discussão crítica-reflexiva do tema da educação financeira junto aos jovens.

Palavras-chave: Educação financeira; Qualidade de vida; Consumo; Objeto de aprendizagem; Sustentabilidade

Abstract. The present study covers the topic of financial education, as well as its contribution to personal finances. The objective was to analyze how financial education can contribute to awareness of personal financial management and better quality of life for students involved in the research. An audiovisual animation was proposed as a learning object with the aim of promoting reflection and arousing the interest of young people entering the job market, and who need information and guidance to navigate safely in the financial reality in which they will be inserted. This research is classified as exploratory-descriptive, with a qualitative-quantitative approach. To collect data, two questionnaires were administered to young people, with the aim of understanding the sociodemographic characteristics and prior knowledge of students on the topic of financial education, and the young people's perception of the learning object. The data was analyzed using descriptive statistics, such as frequency and standard deviation, and through free interpretation analysis, in order to verify how financial education can contribute to improving the quality of life of young people and encourage them to make conscious consumption choices. This research justifies the importance of critical-reflective discussion of the topic of financial education among young people.

Keywords: Financial education; Quality of life; Consumption; Learning object; Sustainability

1. INTRODUÇÃO

Desde o início do século XX, países europeus têm realizado movimentações com a finalidade de fortalecer o desenvolvimento de suas economias e de promover maior integração econômica global. Um exemplo dessas movimentações foi a criação da Convenção sobre a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 1961. A Convenção da OCDE tem como objetivos a promoção das políticas destinadas à eficiência na área da saúde, educação, e no combate à pobreza, assegurando o desenvolvimento e estabilidade econômica de seus países membros. O Brasil é um dos parceiros-chave da OCDE



e seu pedido de adesão demonstra que o país está caminhando para uma profunda transformação nas políticas públicas.

Em 2010, o Brasil com o suporte da OCDE adotou a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que objetiva a promoção da educação financeira, contribuindo para que o cidadão tenha capacidade para escolhas conscientes sobre a gestão de seus recursos, cooperando de forma efetiva para o crescimento do mercado financeiro. Com a implantação da ENEF, a educação financeira no Brasil tornou-se uma política de Estado permanente, que contempla instituições públicas e privadas em todos os âmbitos.

A OCDE (2005) definiu a educação financeira como o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e dos produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação claras, adquiram os valores e as competências necessários para se tornarem conscientes das oportunidades e dos riscos neles envolvidos e, então, façam escolhas bem informados, saibam onde procurar ajuda, adotem outras ações que melhorem o seu bem-estar, contribuindo, assim, de modo consistente para formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

No mundo capitalista em que vivemos, a qualidade de vida das pessoas está fortemente ligada à satisfação de suas necessidades. A globalização proporcionou um alto grau de desenvolvimento econômico influenciando os indivíduos a um comportamento consumista, desproporcional às reais condições financeiras de muitas famílias, levando ao endividamento e sem uma consciência voltada para a sustentabilidade do planeta.

Quando os jovens acessam ao mercado de trabalho e passam a ter seus próprios rendimentos, sentem a necessidade de administrar suas finanças, porém poucos o fazem com sucesso, não sendo capazes de tomar decisões acertadas. A falta de experiência em gerenciar as próprias finanças aliado às inúmeras ofertas de acesso ao crédito, acabam levando muitos jovens à inadimplência.

Para Savoia, Saito e Santana (2007), numa sociedade contemporânea, é preciso que os indivíduos tenham uma compreensão lógica das forças que influenciam o ambiente e suas relações com os demais. A educação financeira possibilita a transmissão de conhecimento e o desenvolvimento das habilidades nos indivíduos, permitindo assim tomar decisões seguras e fundamentadas, melhorando o gerenciamento de suas finanças pessoais, tornando-se mais atuante e integrado à sociedade.

O consumismo do mundo globalizado tem invadido as famílias de todas as classes sociais e transformado seus hábitos e conceitos. A ansiedade por realizar comprar por vezes desnecessárias favorece um comportamento compulsivo e imediatista, onde os valores de possuir “coisas” ultrapassam princípios morais. Os valores são aprendidos inicialmente no ambiente familiar, mas é no ambiente coletivo que o indivíduo vai colocá-los em prática, ressignificar seu repertório e pertencer a um grupo, possuindo características próprias e vivendo em sociedade (Rovai & Silva, 2022).

Segundo Messias et al. (2015), pesquisas sobre o comportamento do consumidor têm sido feitas, devido a influência do marketing na vida das pessoas, principalmente dos mais jovens, que se veem atraídos por apelos comerciais e anúncios, que os instigam a consumir diversos produtos em grandes quantidades.

Tais pesquisas demonstram a relevância do ensino da educação financeira, uma vez que os jovens cada vez mais cedo são envolvidos nas decisões financeiras e muitas vezes participantes do orçamento familiar, o que torna ainda mais complexa a gestão já escassa dos recursos financeiros de milhares de famílias.

Sendo assim, é indispensável a participação da escola em ajudar os jovens na importante construção de uma cidadania que os leve a reflexão de que a qualidade de vida está na valorização das etnias e ao respeito às próximas gerações, deixando um planeta saudável, com água potável, ar puro e a preservação dos ecossistemas para os que habitarão no futuro.

A partir de conhecimentos básicos sobre gestão financeira pessoal, é possível desenvolver habilidades, que transformam comportamentos e contribuem para melhores decisões e qualidade de vida das pessoas. A informação e o conhecimento financeiro modificam realidades e atitudes que levam milhares de famílias ao endividamento.

Conforme Quintana e Pacheco (2018), a ausência de conhecimento relativo ao planejamento financeiro traz resultados negativos para as famílias, com dificuldade de realização dos objetivos pessoais, interrupção de compromissos financeiros, levando a uma fragilidade no ambiente familiar e a diminuição da qualidade de vida das famílias.

Especialmente após a pandemia de covid-19, que levou a perdas de entes queridos, desemprego, endividamento, dentre outras fragilidades, a educação financeira tem sido necessária para que muitas famílias reestabeleçam a estabilidade financeira em seus lares.

O relatório da OCDE “Trabalhando com o Brasil” aponta que a pandemia da covid-19 afetou de forma significativa o bem-estar da população, aumentando as desigualdades sociais já existentes (OCDE, 2022). Grandes reformas estruturais serão necessárias para impulsionar o crescimento da produtividade e a melhoria dos padrões de vida no Brasil. O relatório no capítulo “Funcionamento Eficiente dos Mercados”, indica que:

A educação financeira é um componente importante das políticas financeiras de proteção ao consumidor e de inclusão financeira, além de ser uma forma de melhorar o bem-estar financeiro individual. As autoridades brasileiras estão desenvolvendo políticas e programas de alfabetização financeira para apoiar a crescente classe média e grupos vulneráveis para fortalecer sua resiliência financeira após a crise da COVID-19, e para ajudar as famílias mais pobres a entender e usar serviços financeiros básicos, incluindo os digitais (OCDE, 2022, p. 25).

De acordo com Francischetti et al. (2014), a intensa necessidade da população pelo consumo é induzida pelo marketing, que cria expectativas nos indivíduos de que quanto mais se consome, mais se tem garantias de bem-estar e qualidade de vida. Entretanto, caminhando nesse sentido, pode-se dizer que houve uma inversão de valores na sociedade, estimulando o consumo excessivo, em detrimento de outros valores, nos afastando cada vez mais do equilíbrio de necessidades e consumo, e da busca pela qualidade de vida.

Quando consumimos, revelamos de certa forma como vemos as coisas, desenvolvemos identidades sociais e sentimento de pertencimento. Revelamos nossas escolhas, valores éticos, comportamentos e preocupação com meio em que estamos inseridos. O ser humano cada vez mais tem associado e reduzido a felicidade e qualidade de vida, às conquistas materiais. Tal comportamento, demonstra que os indivíduos trabalham para manter e ostentar um nível de consumo.

Segundo uma pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), em 2019, oito em cada dez indivíduos inadimplentes no Brasil sofreram emocionalmente por não conseguirem pagar suas dívidas (Nakamura & Barbosa, 2020B). A ansiedade foi o sentimento negativo mais citado entre os entrevistados, além de sentimentos como estresse, irritação, tristeza, desânimo, angústia e vergonha. A falta de orientação e informação sobre gestão financeira pessoal, não reflete apenas na saúde financeira do indivíduo, mas impacta também em outros aspectos da sua saúde mental. Isto reflete a extrema relevância da abordagem do assunto à toda população, incluindo os mais jovens, para que quando inseridos no mercado, estejam preparados de forma a evitar tais situações.

Observa-se que o ser humano age motivado por suas necessidades. A motivação do indivíduo surgirá através de necessidades que se apresentarem mais importantes para ele em determinado momento da vida. No entanto, é importante ressaltar que o ser humano tem capacidade de direcionar suas escolhas, não sendo seguro agir somente de acordo com suas

emoções e impulsos. Uma necessidade passa a ser um motivo quando alcança determinado nível de intensidade. Um motivo é uma necessidade que é suficientemente importante para levar a pessoa a agir (Kotler & Keller, 2006). Nesse sentido, Bauman (2001) afirma que o desejo do ser humano se torna um propósito, único e inquestionável. A atividade consumista deixou de ser um conjunto de necessidades articuladas, mas sim um, desejo, um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificção ou causa.

A humanidade busca continuamente melhor qualidade de vida, construindo propósitos e objetivos a serem alcançados ao longo da vida. Sendo assim, o planejamento financeiro acaba por se tornar um componente fundamental para o sucesso dos seus objetivos. A falta dele ou sua ineficiência acarretam sérios problemas, que podem comprometer a gestão financeira pessoal e familiar.

O planejamento e controle das finanças fazem parte de um processo de constante vigilância e aprimoramento do orçamento. Tão importante quanto elaborar um planejamento financeiro, é acompanhá-lo, buscando verificar se as ações tomadas estão levando ao alcance dos resultados esperados.

Segundo Gonçalves e Neves (2020), na pesquisa sobre educação financeira realizada em 2019, com alunos de um curso técnico, 55% dos jovens que participaram da pesquisa relatou sentir dificuldades em realizar um planejamento financeiro, devido a busca pelo consumo para o prazer imediato. E 80% dos estudantes só se preocupam com os gastos de valor maior, o que acaba sendo um erro comum no controle das despesas, pois as pessoas esquecem de anotar as despesas de pequeno valor que se acumulam durante o mês e podem se tornar gastos de grande vulto.

A humanidade tem se deparado com o urgente desafio de encontrar o equilíbrio nas suas atividades, para não continuar no processo irracional de degradação do meio ambiente, chegando ao ponto de esgotamento dos recursos naturais, extinção de várias espécies e catástrofes climáticas. Um justo equilíbrio ambiental precisa ser pensado e desenvolvido a favor da vida humana com dignidade e em benefício de toda a coletividade, que anseia por melhores condições ambientais (Gomes & Ferreira, 2018).

As ações do homem sobre o meio ambiente, tem colocado em risco não apenas a extinção de várias espécies de seres vivos, como a própria existência. Tal realidade, tem tornado o habitat hostil para humanidade. São toneladas de lixo e gases tóxicos despejados no ar, nas águas e no solo do planeta.

Mozzato et al. (2014), afirmam que as atividades econômicas que põem em risco a existência, precisam ser repensadas. O ambiente e os limites da natureza impõem a necessária conscientização com relação às gerações futuras.

Economia Donut, segundo Raworth (2019), pode ser considerado uma bússola para o século XXI, para atingirmos uma economia justa e sustentável, que aponta para um futuro capaz de prover as necessidades de todos e ao mesmo tempo garantir a saúde do planeta para as próximas gerações. A "Economia Donut" tem em sua essência um alicerce social de bem estar abaixo do qual ninguém deve viver e um teto ecológico de pressão planetária que não se deve ultrapassar. Encontrando entre esses dois espaços, um lugar justo para a humanidade e ecologicamente seguro, um espaço que atenda às necessidades de todos contando com os meios oferecidos pelo planeta.

Para que o ser humano se desenvolva, é necessário que todos possam viver com dignidade, em comunidades que lhes permitam oportunidades, e onde todos possam viver com os recursos naturais oferecidos pelo planeta que nos oferece a vida.

É nesse sentido que a educação financeira precisa ser incluída na vida dos cidadãos desde cedo, para que quando adultos, possam tomar decisões que interfiram na qualidade de vida, sendo consumidores responsáveis e informados, e cidadãos conscientes dos valores para se viver em uma sociedade, assumindo responsabilidades com o futuro e com o planeta.

Muitos esforços têm sido lançados para sensibilizar e conscientizar não só os governantes, mas toda a sociedade de que é preciso mais cuidado e moderação com os recursos naturais oferecidos pelo planeta. A grande aceleração das atividades antrópicas, estão afetando a qualidade de vida na Terra, tornando o habitat inóspito.

A Conferência das Nações Unidas sobre o desenvolvimento sustentável no ano de 2015, deu origem aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) que integram a Agenda 2030, e que partem de iniciativas globais para combater a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima, garantindo uma existência digna para o ser humano, mantendo em equilíbrio a saúde do planeta. Dentre esses objetivos, o 4º objetivo trata da importância de garantir uma educação de qualidade, inclusiva e equitativa, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos, como nas seguintes metas:

4.6 Até 2030, garantir que todos os jovens e uma substancial proporção dos adultos, homens e mulheres estejam alfabetizados e tenham adquirido o conhecimento básico de matemática.

4.7 Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2015).

É preciso nos conscientizar de que as decisões financeiras impactam diretamente no ambiente que habitamos. Tal sensibilização como cidadãos que somos, não pode estar distante de nossa responsabilidade como habitantes do mesmo planeta e o que deixaremos para as gerações futuras.

Rosini et al. (2015), afirmam que a sociedade capitalista industrial impõe o consumo como sinônimo de bem-estar e condição para o processo de civilização. A capacidade aquisitiva se transforma em medida para valorizar os indivíduos e dar prestígio social. A busca em obter bens, deixa de ser necessariamente meio de sobrevivência e passa a ser símbolo de felicidade capitalista.

Vivemos em uma sociedade de consumo e descarte, onde o desenvolvimento é medido pela quantidade de lixo e resíduos produzidos. O planeta já nos alerta que estamos numa pegada ecológica muito além da capacidade e do suportável para sobrevivência de muitas espécies que acabam por ser extintas. Os níveis de consumo sobre os recursos naturais, a carga exploratória sobre o planeta é preocupante.

Nesse sentido, educar os indivíduos para que desenvolvam habilidades e uma reflexão crítica sobre como e onde usar seu dinheiro tem um papel fundamental para a própria sobrevivência e qualidade de vida. O planeta Terra é a nossa casa, onde habitamos e desenvolvemos como sociedade. Estarmos atentos às nossas decisões financeiras que estão atreladas às questões climáticas, demonstra responsabilidade e senso de justiça intergeracional, pois nossas decisões hoje não podem comprometer a vida das gerações vindouras.

2. OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Ao longo das últimas décadas as TIC tornaram-se relevantes e necessárias a diversas áreas, ganhando destaque para a educação. A geração atual recorre a todo momento aos recursos tecnológicos disponíveis e os jovens estão cada vez mais conectados na busca por conhecimento. Diante deste contexto, a animação enquanto objeto de aprendizagem, pode auxiliá-los na construção do conhecimento e a desenvolverem o pensamento crítico sobre o assunto abordado, tendo em vista sua proposta.



Considerando que as TIC estão em permanente evolução e muitas tecnologias são utilizadas para auxiliar no processo educativo, é importante a inclusão digital de todos os indivíduos, de maneira que possam ter oportunidades iguais. Nesse sentido, a constante aprendizagem torna-se uma necessidade e consequência do momento social e tecnológico em que vivemos. Devido à maior disponibilidade de recursos tecnológicos, houve um acelerado aumento na procura por conteúdos educacionais digitais.

No estudo bibliográfico exploratório realizado, a animação foi idealizada com o propósito de favorecer a reflexão sobre a educação financeira e a sua importância para questões sobre a sustentabilidade do planeta.

Segundo Tarouco et al. (2014), o objeto de aprendizagem (OA) apresenta-se como uma ferramenta de aprendizagem e instrução, que pode ser utilizada para o ensino de diversos conteúdos e revisão de conceitos, podendo ser considerado como uma orientação instrucional. O objeto de aprendizagem, aliado a metodologia utilizada, podem ser facilitadores da aprendizagem, proporcionando a disseminação do conhecimento e o desenvolvimento do pensamento crítico. Um OA é qualquer recurso suplementar utilizado para apoiar o processo de aprendizagem, potencializando a aprendizagem dos alunos.

Segundo alguns autores, as principais características dos objetos de aprendizagem são: granularidade - granular significa a menor porção com todas as informações relevantes de um todo. Um material instrucional é granular quando é construído com as características essenciais de determinado conteúdo (Tavares, 2010); reusabilidade - capacidade de causar interesse acadêmico para ser usado novamente. Um OA deve ser construído através das características essenciais de um tema, e escolhendo um enfoque mais inclusivo possível (Tavares, 2010); adaptabilidade - adaptável a qualquer ambiente de ensino (Mendes et al., 2004); acessibilidade - acessível facilmente via Internet para ser usado em diversos locais (Mendes et al., 2004); durabilidade - possibilidade de continuar a ser usado, independente da mudança de tecnologia (Mendes et al., 2004); interoperabilidade - habilidade de operar através de uma variedade de hardware, sistemas operacionais e browsers, intercâmbio efetivo entre diferentes sistemas (Mendes et al., 2004); metadados (dados sobre dados) - descrevem as propriedades de um objeto, como título, autor, data, assunto etc. Os metadados facilitam a busca de um objeto em um repositório (Tarouco, 2014).

Considerando que um OA está sujeito a reutilização extensiva por diversos grupos culturais e sociais, é preciso considerar alguns aspectos importantes ao desenvolver materiais didáticos que façam uso desse tipo de recurso, de forma a propor um material dialógico e flexível, apropriado para alcançar pessoas com diferentes graus de capacidade cognitiva.

Com base nessas informações, o OA a ser disponibilizado aos alunos do IFSP-SBV, busca atender tais características, de modo a alcançar o maior número possível de alunos e dessa forma estudar os resultados que serão obtidos através dos questionários a serem respondidos pelos alunos.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como a educação financeira pode contribuir para uma consciência de gestão financeira pessoal e melhor qualidade de vida dos alunos maiores de dezoito anos do IFSP-SBV. Considerando os objetivos da pesquisa, pode ser classificada como pesquisa exploratória descritiva (Gil 2017).

A análise quantitativa dos dados coletados nos questionários foi baseada na estatística descritiva. Esse ramo da estatística se concentra na descrição e interpretação de dados, buscando a identificação de padrões relevantes. As medidas extraídas utilizadas foram de tendência central e dispersão. Os resultados foram apresentados na forma de tabelas e gráficos.

Já a análise qualitativa das questões abertas foi realizada de acordo com a metodologia de Análise de Livre Interpretação (ALI). Para Anjos, Rôças e Pereira (2019), a ALI se encontra

em uma posição em que a compreensão teórica busca atender à proposta e aos objetivos da pesquisa, discutindo suas bases na união da teoria trabalhada e dos elementos subjetivos próprios a quem disserta, na medida em que traz uma fundamentação de inferências multifatoriais em torno das temáticas de pesquisa levantadas em campo.

As palavras elencadas nas questões abertas foram analisadas por meio da construção de uma “nuvem de palavras”, a partir do software Wordcloud, de acesso gratuito, público e online. A nuvem de palavras é baseada nas respostas dos alunos, e as palavras mais utilizadas são destacadas. Busca-se através da nuvem de palavras um enriquecimento das análises, dando maior voz aos indivíduos investigados em condições que não poderiam ser descritas por meio da representação gráfica.

Segundo Vasconcellos-Silva e Araujo-Jorge (2019), o recurso tecnológico “nuvem de palavras” pode ser um artifício suplementar à análise de conteúdos, que oferece distanciamento suficiente à apuração isenta de envolvimento do pesquisador. Teriam a oferecer quadros conceituais úteis à síntese, sistematização e compreensão enriquecida de um conjunto de ideias que poderiam subsidiar proposições. Logo após a análise dos dados e tendo as informações tratadas, foi realizada a interpretação e discussão do trabalho.

O estudo foi realizado no Instituto Federal de São Paulo, Câmpus São João da Boa Vista. A amostra dessa pesquisa foram 111 alunos maiores de dezoito anos regularmente matriculados no IFSP-SBV.

Quanto à coleta de dados, foi realizada através de dois questionários. Segundo Marconi e Lakatos (2017), o questionário é constituído por uma série de perguntas a serem respondidas sem a presença do pesquisador.

A elaboração da animação como objeto de aprendizagem sobre educação financeira foi realizada pela pesquisadora responsável pelo projeto e foi utilizado o aplicativo Animaker que é um *software* de animação de vídeo DIY. O *software* é baseado em nuvem e permite que os usuários criem vídeos animados usando personagens e modelos pré-construídos. Através deste aplicativo foi desenvolvido o objeto de aprendizagem aplicado como produto do projeto.

Sendo assim, foi enviado aos alunos através do e-mail acadêmico concomitantemente, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o primeiro questionário Diagnóstico do conhecimento prévio dos alunos através do Google Formulários, a animação sobre o tema educação financeira com base no conteúdo da revisão bibliográfica, e o segundo questionário Avaliação de impacto do material produzido, disponibilizado através do Google Formulários.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresenta-se a análise dos dados referente aos dois questionários aplicados a 111 alunos maiores de dezoito anos regularmente matriculados no IFSP-SBV, buscando atingir os objetivos propostos. Do total de 111 alunos que tiveram acesso à pesquisa e fizeram a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, 105 alunos participaram da pesquisa, sendo que 6 alunos optaram por não participar. A pesquisa ocorreu nos meses de março a maio de 2023.

Resultados do primeiro questionário

No primeiro questionário, buscou-se compreender as características sociodemográficas, noções sobre conhecimentos financeiros e consumo dos discentes.

Em relação ao perfil da amostra, 58 (55,2%) são do sexo masculino, 45 (42,9%) do sexo feminino, e 2 (1,9%) optaram por não informar. Dos respondentes da pesquisa, 70 (66,7%) declararam ser solteiros, enquanto 20 (19,0%) declararam casado (a) ou em união estável, 7 (6,7%) separado (a) ou divorciado (a) e 8 (7,6%) preferiram não informar. Quanto a faixa etária

da maioria dos respondentes, 75 (71,4%) ficou compreendida entre 18 e 29 anos, 18 (17,1%) entre 30 e 39 anos, 9 (8,6%) entre 40 e 49 anos, 3 (2,9%) entre 50 e 59 anos.

Quanto ao curso em que os participantes estavam matriculados no momento da pesquisa, declararam que 33 (31,4%) Bacharelado Ciência Computação, 8 (7,6%) Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação, 5 (4,8%) Licenciatura em Ciências Naturais: Física, 13 (12,4%) Licenciatura em Ciências Naturais: Química, 13 (12,4%) Técnico em Administração, 4 (3,8%) Técnico em Automação Industrial, 1 (1%) Técnico em Multimeios Didáticos, 10 (9,5%) Tecnologia em Processos Gerenciais, 14 (13,3%) Tecnologia em Sistemas para Internet, 4 (3,8%) Outro.

Sobre o nível de conhecimento financeiro dos alunos que participaram da pesquisa, apenas 13 (12,4%) alegaram ter alto conhecimento sobre finanças, 52 (49,5%) consideraram ter um conhecimento razoável, 35 (33,3%) apontam para baixo e 5 (4,8%) nenhum conhecimento.

Garcia, Ramos e Antunes (2019) afirma que o conhecimento básico em finanças é relevante para a formação do cidadão. A Educação Financeira se mostra indispensável para boa gestão das finanças, contribuindo para que os cidadãos tomem decisões conscientes, em relação às suas necessidades e desejos de consumo, na redução de desperdícios e boa gestão da renda.

Marco Ferreira (2017) avaliou o nível de educação financeira através do conhecimento sobre finanças pessoais de alunos de uma universidade pública por meio de questionários. Os respondentes relataram possuir um nível regular de educação financeira, porém demonstraram sentir dificuldades em lidar com investimentos pessoais, planejamento financeiro, reservas financeiras e aposentadoria.

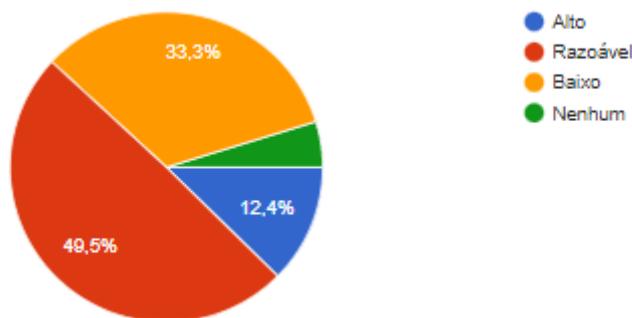


Figura 1. Conhecimento Financeiro
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com a pesquisa, a maioria dos respondentes 45 (42,9%), relataram ter adquirido conhecimento sobre educação financeira na internet, 41 (39%) ter recebido conhecimento da família, 37 (35,2%) ter adquirido na escola, 27 (25,7%) receberam conhecimento dos amigos, 25 (23,8%) adquiriram conhecimentos em cursos, 18 (17,1%) através de livros, jornais e revistas, e 10 (9,5%) relataram nunca terem recebido nenhuma informação sobre o assunto.

Segundo Ferreira e Piasson (2021), a escola deve ser um ambiente que possibilite a formação da cidadania, promovendo uma educação financeira crítica-reflexiva, que estabeleça uma relação com a vivência no cotidiano, e que seja voltada para um consumo com planejamento e consciência. Para os autores, há uma grande chance de que os assuntos sobre educação financeira discutidos nas escolas, ultrapassem os muros escolares e cheguem até os lares influenciando o dia a dia das pessoas.

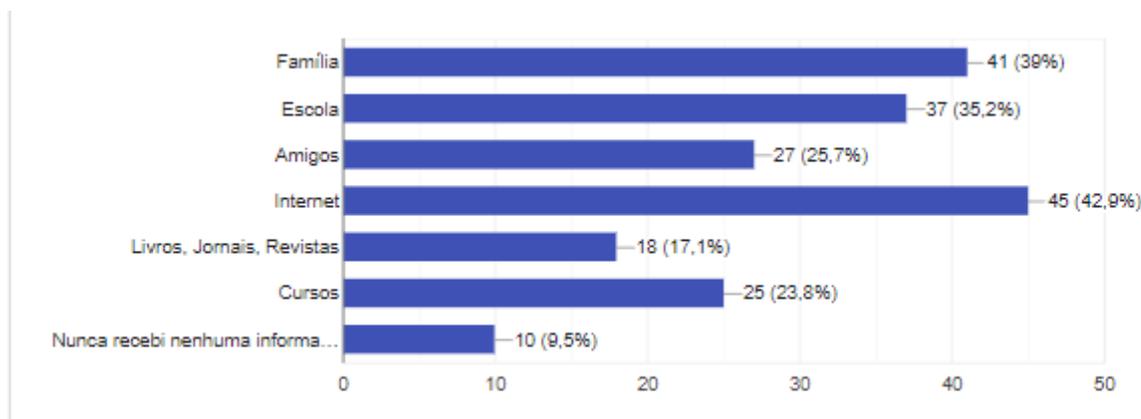


Figura 2. Aquisição conhecimento sobre Educação Financeira

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em relação a renda familiar, 6 (5,7%) dos respondentes, declararam ser inferior a R\$ 1.100,00, 39 (37,1%) entre R\$ 1.100,00 e R\$ 2.500,00, 43 (41%) entre R\$ 2.500,00 e R\$ 5.000,00, 15 (14,3%) acima de R\$ 5.000,00 e 2 (1,9%) declararam não saber qual a renda da família.

Segundo Gans *et al.* (2016), a população de baixa renda, principalmente aos jovens que ingressam ao mercado de trabalho e que possuem menos recursos, é fundamental apresentar conceitos de educação financeira de forma que melhorem sua compreensão em relação aos produtos financeiros disponíveis no mercado e sua funcionalidade. Os jovens de baixa renda, sofrem com o grande apelo consumista exercido pela sociedade atual, seja por meio da mídia ou pelos grupos ao qual pertence ou almeja pertencer. Isso leva muitas vezes a pensar apenas no consumo imediato, sem se preocupar com planejamento para o futuro.

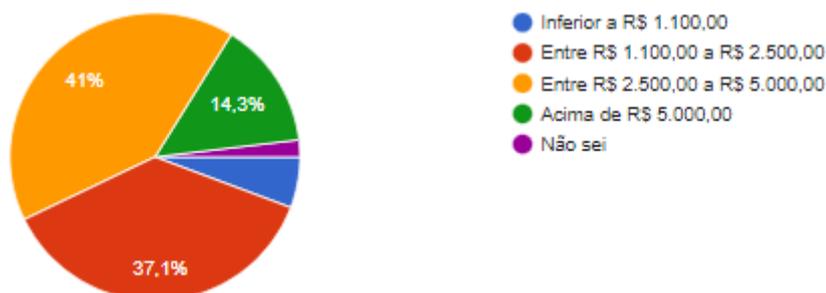


Figura 3. Renda Familiar

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quanto as despesas que mais comprometem a renda familiar, a maioria dos respondentes da pesquisa 47 (44,8%) declararam ser moradia, 28 (26,7%) alimentação, 15 (14,3%) saúde, 2 (1,9%) educação, 3 (2,9%) transporte, 6 (5,7%) lazer, 3 (2,9%) vestuário, 1 (1%) dívidas, como pode ser observado no gráfico. Diante de tantas necessidades e compromissos que as famílias precisam assumir, torna-se relevante a disseminação de informações que os possibilite administrar o orçamento mensal com mais propriedade.

Segundo a última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as famílias com rendimentos até dois salários-mínimos comprometem 61,2% da sua renda, sendo 39,2% com moradia e 22% alimentação (SOUZA, 2019). A presente pesquisa corrobora o resultado da pesquisa realizada pelo POF 2017-2018 do IBGE. Nota-se que, para a maior parte da população brasileira, sobra

pouco recurso para investir em educação e lazer, pois boa parte da sua renda fica comprometida com as despesas básicas para sobrevivência, como alimentação, moradia e saúde.

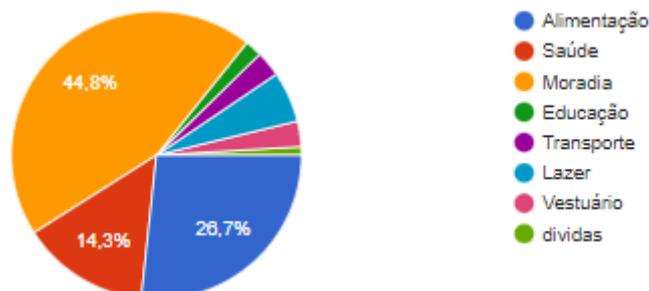


Figura 4. Despesas que mais comprometem a renda familiar
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em relação ao uso do dinheiro, 42 (40%) planejam os gastos e conseguem guardar um pouco por mês. Porém, 35 (33,3%) até fazem um planejamento, mas não conseguem guardar nada após pagar as contas. Já 14 (13,3%) não fazem planejamento e acabam gastando mais do recebem, e 14 (13,3%) não sabem realizar um planejamento.

Segundo Poletto *et al.* (2015), a educação financeira se traduz na forma como fazemos o uso do dinheiro em nossas vidas, baseada em crenças e valores, fundamentada nas relações sociais estabelecidas inicialmente na família de origem e posteriormente em outros grupos de referência e pertencimento. Em relação ao uso do dinheiro, o cenário em que as famílias contemporâneas convivem é bombardeado pelos progressos tecnológicos e a facilidade do crédito, que perversamente as submetem a uma ditadura do consumismo.

Minella *et al.* (2017) destaca que aspectos relacionados ao dinheiro ganham força na vida de cada pessoa, pois podem influenciar ou ser influenciadas por comportamentos sociais e pessoais significativos. Desta forma, certos de que a racionalidade é limitada, um dos caminhos para a diminuição dos aspectos subjetivos negativos uso do dinheiro é a educação financeira.



Figura 5. Uso do dinheiro
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Sobre o planejamento familiar, 58 (55,2%) dos respondentes declararam não fazer planejamento dos gastos, enquanto 47 (44,8%) realizam planejamento.

Para Piccini e Pinzetta (2014), para ter um maior controle sobre o dinheiro e uma melhor eficiência no uso da renda, a gestão financeira é primordial. O planejamento organizado do consumo ou de despesas pessoais e da família é premissa básica para a melhoria econômica e cultural do cidadão. Não importa o quanto uma pessoa ganha, mas o quanto ela gasta, e como ela faz o planejamento desses gastos. Algumas atitudes simples como disciplina e organização trarão mais tranquilidade e qualidade de vida.

De acordo com a pesquisa de Silveira *et al.* (2020), que foi realizada com alunos dos cursos de ciências contábeis e administração, apontou que ambos os cursos demonstraram preocupação em relação ao futuro financeiro e em realizar um planejamento, sendo o primeiro passo para um controle efetivo do dinheiro, definindo as prioridades e realizando um orçamento.

Na pesquisa de Dias *et al.* (2019), com alunos dos cursos de ciências contábeis, ciências econômicas e administração, apontou que 67,18% fazem um controle das suas finanças e 32,82% admitiram que não realizam nenhum tipo de controle financeiro. Dos participantes da pesquisa, 42,62% responderam que o planejamento financeiro é necessário devido aos poucos rendimentos que recebem e precisam controlar os gastos e que desde cedo fazem um planejamento por orientação da família.

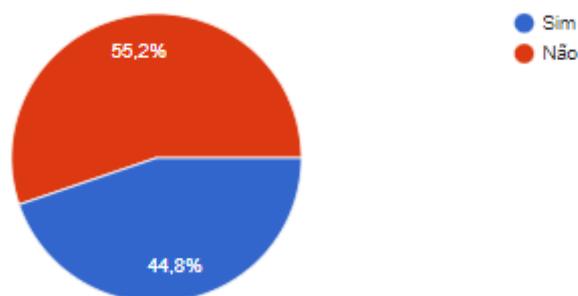


Figura 6. Planejamento familiar
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em relação à motivação para as compras, 63 (60%) dos respondentes declararam comprar por necessidade, 34 (32,4%) compram para satisfação pessoal e 8 (7,6%) compram para se sentirem aceitos.

Lago e Reis (2016), destacam que vivemos numa sociedade de consumo e recebemos inúmeros apelos para o consumo, seja para nos tornarmos mais tecnológicos, para termos status social ou mesmo para pertencermos a determinados grupos, compramos para satisfazer nossas necessidades e desejos.

Segundo aponta a pesquisa de Gonçalves e Neves (2021), realizada com os estudantes do curso técnico de administração, 65% dos respondentes declararam já ter comprado por impulso ou que ainda compraram e depois se arrependeram da compra.

Ainda segundo Dias *et al.* (2019), na pesquisa com alunos dos cursos de ciências contábeis, ciências econômicas e administração, 46,88% dos respondentes afirmam que compram somente o necessário, 27,97% dos acadêmicos compram com o objetivo de satisfazer uma necessidade, 21,67% dos respondentes aproveitam a oportunidade de liquidação, e só 3,48% afirmam que compram para atender os apelos de marketing ou compram por status.

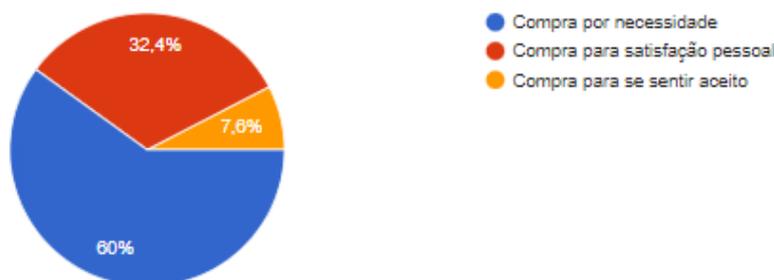


Figura 7. Motivação para as compras
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em relação às dívidas, 30 (28,6%) dos respondentes relataram não possuir dívidas, pois poupam para comprar à vista, 52 (49,5%) relataram que as dívidas estão dentro do orçamento e que tem condições para pagá-las, 23 (21,9%) relataram que não sabem como e quando conseguirão pagar suas dívidas.

No estudo de Dos Santos e De Souza (2014), realizado com jovens na faixa etária entre 18 e 30 anos, apontou que 48,92% dos jovens possuíam algum tipo de endividamento. Dentre os alunos que indicaram possuir dívidas, o maior percentual 36,36%, aconteceu pelo uso do cartão de crédito. O estudo, apontou que homens, com idade entre 21 e 30 anos completos, solteiros, endividados e das classes de baixa renda são mais propensos a adquirir dívidas financeiras.

Diante dos resultados apontados pelas pesquisas, em relação às dívidas, muitos problemas podem surgir se os jovens e familiares não tiverem controle sobre seus orçamentos e não souberem lidar com seus compromissos financeiros. As dívidas assumidas e não pagas, podem levar ao endividamento precoce e comprometer o futuro dos jovens.

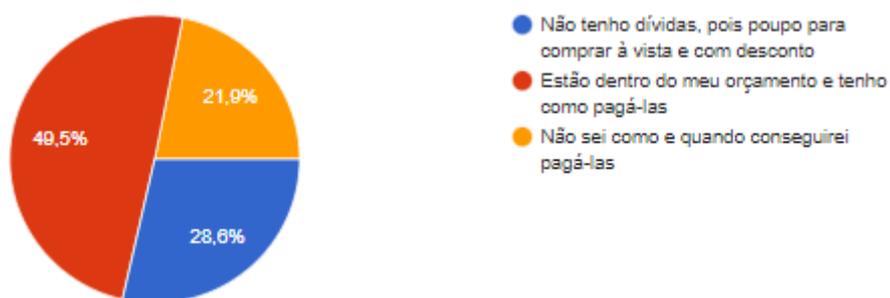


Figura 8. Dívidas

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Sobre aposentadoria, 18 (17,1%) dos respondentes não se preocupa com o assunto, 41 (39%) pensa em se aposentar pelo governo, 19 (18,1%) tem ou pensa em fazer um plano de previdência privada, 27 (25,7%) pensa em poupar para o futuro.

No estudo de Amadeu (2009), quanto a vantagem financeira de antecipação para formação da aposentadoria, 58,97% possuem ou pretendem adquirir um plano, no concreto, apenas 14,10% fazem um plano de previdência.

Na pesquisa de Ferreira e Castro (2020), os alunos afirmam em (58,10%) dos casos possuir interesse, mas não sobra recursos para poupar ou investir, (19,53%) afirmam ser muito novo para pensar em aposentadoria, (8,86%) acredita que a previdência social suprirá a necessidade, (2,63%) dos questionados não possuem interesse, e para (10,88%) são outros motivos entre eles o já planejamento para a aposentadoria.

Segundo estudo de Prado (2015), 43% das famílias não planejam uma reserva extra para a aposentadoria. De acordo com autor, essas famílias provavelmente desconhecem o atual debate em torno da problemática sobre o tema da aposentadoria, assim como as ações governamentais que tentam encontrar estratégias para diminuir a responsabilidade do Estado no que diz respeito à previdência social pública.

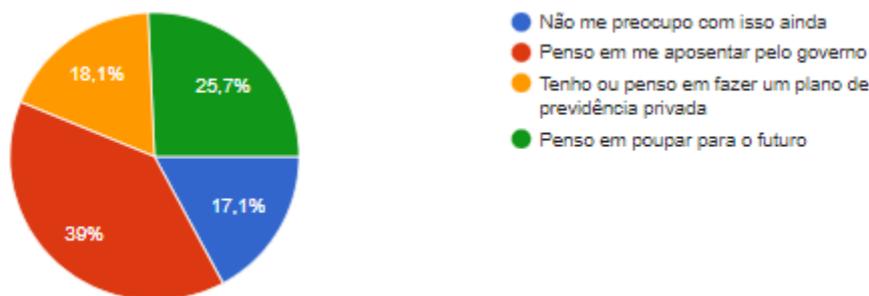


Figura 9. Aposentadoria
Fonte: Elaborado pelo autor.

Resultados do segundo questionário

O segundo questionário teve como base o conteúdo do objeto de aprendizagem que os alunos tiveram acesso, com o objetivo de registrar a percepção dos envolvidos na pesquisa em relação ao conteúdo disponibilizado e a contribuição para reflexão e maior interesse sobre o assunto.

Sobre a frequência, os respondentes relataram ter acesso à conteúdos educacionais relacionados à educação financeira. A questão tem aspecto quantitativo e foi elaborada partir da escala de Likert, entre 1 (pouco) e 10 (muito). Os resultados indicam que 60,00% dos respondentes acessam algum tipo de conteúdo sobre educação financeira na internet, enquanto 11,43% acessam pouco ou nenhum conteúdo financeiro na internet.

Na pesquisa de Pinori (2021), uma análise exploratória sobre educação financeira e mídias sociais, constatou-se que do total de 261 respondentes, 44,44% compreendem a faixa etária entre 20 e 25 anos. Dos respondentes, 100% relataram que possuem acesso à internet em casa ou através do celular. Quanto a frequência com que buscam conteúdos relacionados a educação financeira, 27,20% acessam mensalmente, 18,39% semanalmente e 8,43% diariamente.

Segundo pesquisa de Dias *et al.* (2019), na pesquisa com alunos dos cursos de ciências contábeis, ciências econômicas e administração, quando questionados sobre o nível de interesse em leituras sobre finanças, 41% dos respondentes relataram se interessar por programas relacionados ao tema disponíveis na internet, 22% se interessam pelo assunto, porém não leram nada a respeito, 18% já leram um livro, 16% não tiveram oportunidade para ler sobre o tema e ainda 3% afirmaram não se interessar pelo assunto.

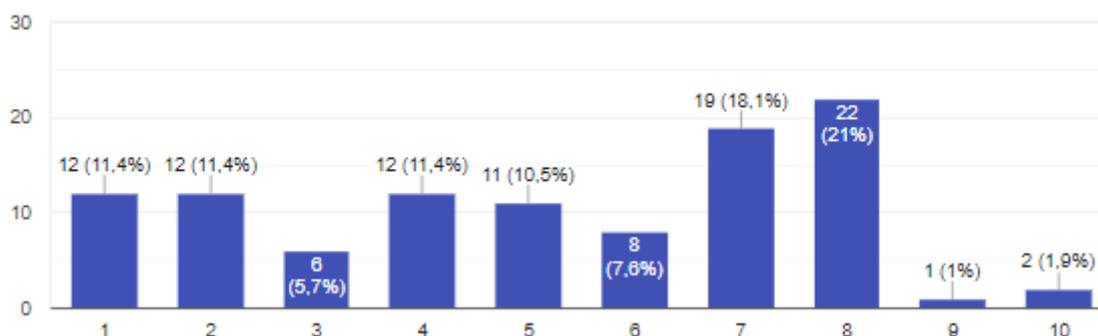


Figura 10. Frequência de acesso à conteúdos educacionais relacionados à educação financeira
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Em relação ao objeto de aprendizagem disponibilizado na pesquisa, 93 (88,6%) dos respondentes relataram ter assistido e 12 (11,4%) não assistiram ao vídeo.

De acordo com Silva e Nicodem (2021), as tecnologias conduzem a educação a um novo estágio de desenvolvimento, pois suas ferramentas potencializam a comunicação dialógica entre os sujeitos envolvidos no processo educativo, ampliando a interatividade e o

compartilhamento de saberes, favorecendo a construção coletiva do conhecimento. As tecnologias estão cada vez mais inseridas no âmbito educacional, sendo um recurso que pode contribuir para uma maior vinculação entre ensino e aprendizagem.

Carneiro e Silveira (2014), afirmam que um dos grandes diferenciais dos objetos de aprendizagem, em relação aos *softwares* educacionais ou ambientes de aprendizagem, é eles serem criados com a finalidade de estarem disponíveis para a comunidade.

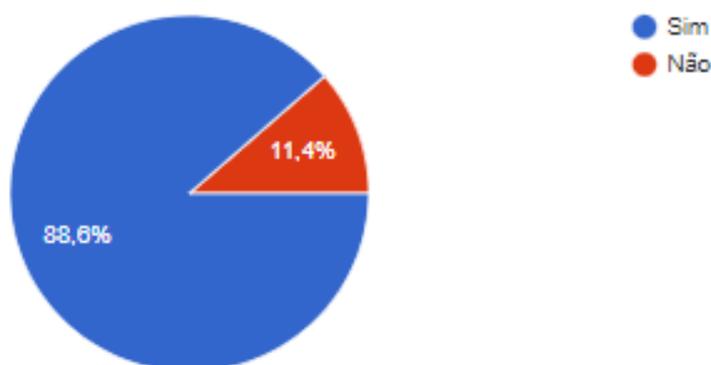


Figura 11. Assistiram à animação audiovisual

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Na questão sobre o quanto a animação disponibilizada estimula os jovens a reflexão sobre a importância da educação financeira em suas vidas, 89,52% dos respondentes relataram que a animação estimula a reflexão sobre educação financeira.

Carvalho *et al.* (2018) afirma que após a construção de um objeto de aprendizagem, existem outras etapas, que são a aplicação da ferramenta criada e a sua análise, a fim de verificar a eficácia no processo de ensino-aprendizagem.

Nesi *et al.* (2019), em um estudo sobre objetos de aprendizagem de matemática, constataram que a utilização desse recurso pode possibilitar novas oportunidades e iniciativas educacionais para práticas pedagógicas diferenciadas, podem contribuir com modos diferentes de pensar, formular e aprender determinados conteúdos matemáticos, tornando-se uma ferramenta aliada aos processos educacionais. Por meio de um OA o estudante pode rever conteúdos já estudados, oportunizando uma reorganização cognitiva sobre eles. Os autores afirmam que os objetos de aprendizagem podem facilitar a interdisciplinaridade entre conteúdos e disciplinas.

No estudo de Carvalho *et al.* (2018), sobre a eficácia da aplicação de um objeto de aprendizagem com alunos do ensino fundamental nas aulas de geografia, observou-se que o objeto de aprendizagem proporcionou uma evolução maior no processo de ensino aprendizagem, trazendo mais recursos de interatividade e ofereceu aos alunos um estímulo diferenciado, distinto dos que estão habituados a realizar em sala de aula.

Andrade *et al.* (2018), num estudo sobre a integração de objetos de aprendizagem e resolução de problemas nas aulas de matemática, em uma turma do 1º ano de Ensino Médio, constatou-se que a integração favoreceu aos alunos a investigação de alternativas de resolução, além daquela utilizada e comprovada com o lápis e o papel.

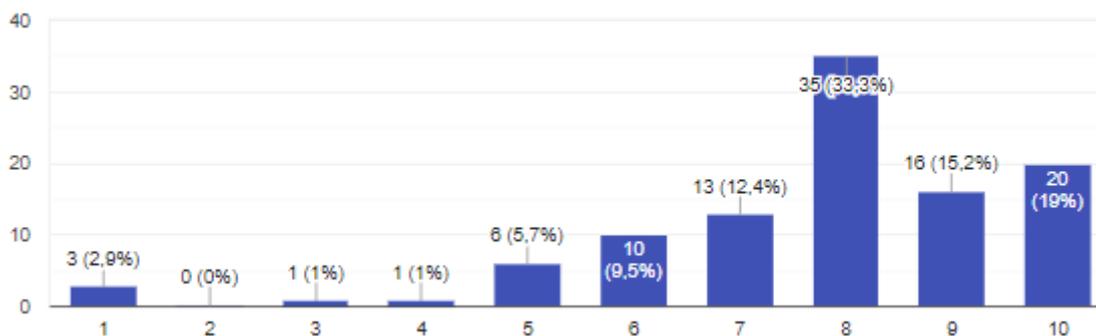


Figura 12. Quanto a animação estimula para reflexão sobre a importância da educação financeira
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Na questão aberta sobre o que mais chamou a atenção dos respondentes na animação disponibilizada, foi aplicada uma análise qualitativa das respostas obtidas, que foram comentários livres analisados pela construção de uma “nuvem de palavras”, que foi elaborada a partir do software Wordcloud, de acesso gratuito, público e online. As palavras mais destacadas na “nuvem” são aquelas que mais apareceram nos comentários dos alunos.

Segundo Vasconcellos-Silva e Araújo-Jorge (2019), nuvens de palavras são recursos gráficos que representam frequências de palavras utilizadas em um texto. Por meio de algoritmos é possível construir imagens formadas por dezenas de palavras cujas dimensões indicam sua frequência ou relevância temática.

A construção de nuvens de palavras pode representar um recurso inicial ou complementar para a análise de conteúdo, pois tem sido considerada uma opção à análise de textos e na disseminação de resultados de pesquisas de abordagem qualitativa.

Vilela *et al.* (2020), afirma que o avanço tecnológico expandiu as possibilidades dos pesquisadores e impulsionou o aumento da produção em pesquisa, sendo a nuvem de palavras uma ferramenta de processamento de dados disponibilizada por *softwares*. Entretanto, mesmo fazendo uso de recursos tecnológicos, os pesquisadores devem estar atento ao processo.

Diante dos estudos citados, que apontam a aplicação de recursos tecnológico com possibilidades para a análise de dados na pesquisa qualitativa, optou-se pelo uso de nuvem de palavras para o processamento de dados sobre os aspectos que mais despertaram atenção dos discentes sobre o tema exposto no objeto de aprendizagem e quais os desafios para otimizar a gestão financeira pessoal.

outras palavras, qualidade de vida é o objetivo, e educação financeira pode ser o meio de se chegar a ela.

O recurso da nuvem de palavras também foi aplicado para entender qual é o maior desafio para uma boa gestão financeira pessoal segundo os alunos entrevistados. As palavras que mais apareceram em destaque foram gastos, ter, dinheiro, controle.



Figura 14. Nuvem de palavras sobre qual o maior desafio para gestão financeira pessoal dos alunos entrevistados. Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Através da análise das repostas dos alunos foi possível verificar alguns desafios mais citados:

- “Acho que a questão não é gerenciar em si os meus gastos, mas controlar as atitudes impulsivas de comprar algo e de não parecer que vale a pena poupar por ser algo lento e de longo prazo”;
- “Se controlar de impulsos e desejos”;
- “Ter auto controle e disciplina”;
- “Guardar dinheiro”;
- “As tentações de comprar coisas desnecessárias para suprir desejos pessoais”;
- “Uma sociedade mais igualitária rs tem pessoas que não tem dinheiro para pagar o mínimo. Mas no meu caso, acredito que seja o quesito de qualidade de vida, gostaria de fazer mais coisas além de pagar contas”.

Após uma avaliação minuciosa das respostas dos participantes da pesquisa, foi possível perceber que a predominância dos discursos indicaram: a preocupação em conseguir controlar e planejar os gastos; ter autocontrole diante dos apelos comerciais, evitando gastos desnecessários; conseguir ao final do mês, após pagar todas as contas, guardar dinheiro para uma reserva no futuro ou mesmo investir para realização de sonhos.

Como já visto, a publicidade exerce grande influência no consumo, induzindo as pessoas ao consumo desenfreado, que aliado as facilidades de crédito podem ir além do seu alcance financeiro, levando ao endividamento e ao comprometimento dos objetivos.

Cerbasi (2016), afirma que as finanças fazem parte do nosso dia-a-dia de forma prática, quando compramos parcelado, quando usamos o cartão de crédito ou quando contraímos um empréstimo bancário.

O estudo de Neri (2020), sobre os efeitos iniciais da pandemia, identificou que a renda trabalhista da metade mais pobre da distribuição caiu 27,9% e que os principais grupos sociais afetados e que mais perderam com a crise foram os indígenas (-28,6%), os analfabetos (-27,4%) e os jovens entre 20 e 24 anos (-26%).

Em dois anos (2019 a 2021), 9,6 milhões de pessoas tiveram sua renda comprometida e ingressaram no grupo de brasileiros que vivem em situação de pobreza (Neri, 2022).

Diante da constatação dos efeitos negativos da pandemia, podemos dizer que mesmo com o auxílio emergencial do governo, ficou ainda mais difícil para a população mais pobre estabelecer uma situação financeira onde pudesse investir e fazer reservas. Com aumento da inflação, a baixa renda das famílias e o aumento do endividamento decorrente do período pandêmico, todo recurso de que as famílias dispõe acaba destinado a manter o mínimo para sua subsistência, como alimentação, aluguel e saúde.

Nesta pesquisa com os discentes do IFSP-SBV, alguns respondentes relataram não sobrar nada no final do mês após o pagamento das contas básicas. Esse cenário torna inviável pensar em investimento para o futuro e melhora da qualidade de vida dessas famílias, uma vez que as necessidades dos indivíduos da sociedade atual se ampliaram, indo além apenas de alimentação e moradia, as pessoas necessitam de momentos de lazer, educação de qualidade, segurança e realização pessoal.

Para Francischetti *et al.* (2014), a qualidade de vida não deve ser confundida com o padrão de vida, mas pode-se afirmar que com um padrão de vida melhor ou mais digno, a qualidade de vida pode ser alcançada com maior facilidade. Uma situação financeira boa, ajuda a proporcionar um nível de satisfação e prazer, sendo um ponto importante para qualidade de vida.

Não se pode ignorar o fato de que estamos inseridos numa sociedade capitalista, consumista, e que somos interpelados a todo momento por publicidades extremamente atrativas, que tentam nos mostrar o caminho para felicidade através dos bens que nos são oferecidos. A sociedade atual vende seus produtos como passaporte para uma realização plena. Entretanto, não podemos nos esquecer que tais produtos tem um custo, e que por vezes não cabe no nosso bolso. Os valores que realmente são importantes para a vida, tem sido esquecidos na atual conjuntura. Contudo, podemos desenvolver conhecimentos e habilidades através da educação financeira, que nos permitam fazer uma leitura crítica, promovendo condições de nos proteger para uma vida mais tranquila e segura.

Na questão sobre quanto a animação estimula para alertar como nossas escolhas impactam nosso futuro e do nosso planeta, 02 alunos não responderam a essa questão, e o resultado do cálculo da mediana foi 5,83%. Nessa questão, 92,23% das respostas foram superiores ao valor da mediana, indicando a importância da animação nas escolhas e seus respectivos impactos no futuro.

De acordo com Da Silva *et al.* (2015), considerar aspectos sustentáveis em projetos no Brasil, ainda é um desafio, pois acaba sendo influenciado, na maioria das vezes, pelo fator mercadológico. Entretanto, quanto mais profissionais educados para as questões de sustentabilidade estiverem exercendo suas atividades, gradativamente esses assuntos e características tendem a se disseminarem dentro das empresas e organizações.

No estudo de Barreto *et al.* (2019), foi apresentado um objeto de aprendizagem com objetivo de ilustrar o conceito de pegada ecológica e foi aplicado a 63 alunos do ensino médio de escolas públicas. Evidenciou-se que a maioria dos respondentes demonstraram interesse e alto grau de satisfação com o aprendizado sobre o tema.

Na pesquisa de Carnevalle (2022), sobre a aplicação de objetos de aprendizagem nas aulas de ciências para alunos do ensino fundamental II, os resultados alcançados indicaram que os estudantes tiveram um aproveitamento e entendimento melhor do conteúdo através dos objetos de aprendizagem, mostrando-se favorável a utilização desse recurso no processo de ensino e aprendizagem. Foi possível verificar que o uso de imagens, foi o que mais atraiu a atenção dos estudantes.

Francischetti *et al.* (2014), afirma que viver a sustentabilidade nada mais é do que aplicar de maneira inteligente, os conceitos que permitam uma constante autossuficiência social, econômica e principalmente financeira. E que podemos contribuir com a sustentabilidade do nosso planeta aceitando nosso padrão de vida, realizando um planejamento financeiro adequado, que permita o pagamento das despesas, um exame de consciência ao realizar as compras, identificando aquilo que é realmente necessário, descartando os desejos supérfluos, evitando assim desperdícios, reciclando e reutilizando tudo aquilo que for possível.

Agindo de forma sensata, estamos colaborando para a construção de um planeta sustentável, evitando a degradação do meio ambiente, aproveitando melhor as oportunidades e colocando em prática o planejamento financeiro, contribuindo para melhorar consequentemente nossa qualidade de vida.

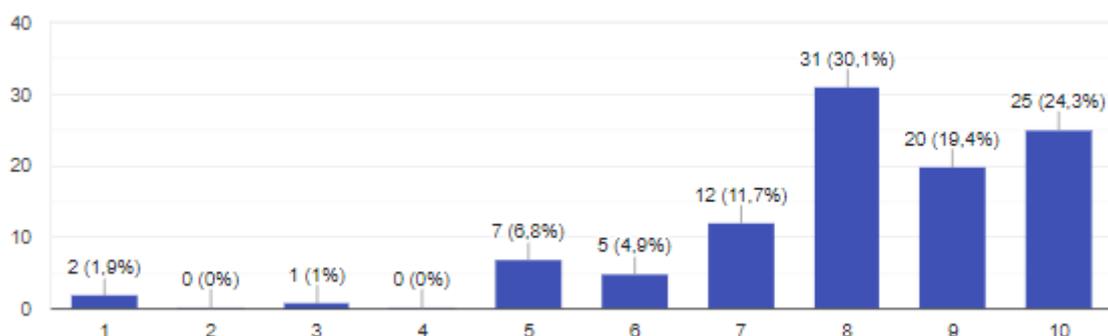


Figura 15. Nossas escolhas impactam nosso futuro e o futuro do planeta

Fonte: Elaborado pelo autora (2023).

Na questão sobre quanto a animação estimula para mudança de percepção de futuro financeiro e organização financeira, 01 aluno não respondeu à questão. O cálculo da mediana determinou o valor de 8,17%, sendo que 89,42% das respostas foram superiores a mediana. Este resultado demonstra como a animação foi importante para percepção do futuro e organização financeira.

Silva *et al.* (2012), afirma que uma animação pode ser considerada um objeto de aprendizagem quando facilita e estimula a produção cognitiva dos alunos. Ela pode representar situações, fatos ou objetos e contribuir com o processo educativo. A utilização de uma animação pode ser considerada como um objeto de aprendizagem que potencializa o desenvolvimento cognitivo, favorecendo um enriquecimento significativo na capacidade associativa de uma nova informação apresentada, através de um contexto de representatividade oferecido por esses recursos.

Bueno e Neto (2018), ao utilizarem objetos de aprendizagem nas aulas de Matemática, apontaram que, fazendo uso desse recurso tecnológico, os alunos tiveram uma melhora na aprendizagem e conseguiram fazer relações em diferentes situações, além de se mostrarem motivados a participarem das aulas. Percebe-se que, a utilização dos objetos de aprendizagem nas aulas de Matemática, permitiu aos alunos compreender e resolver as atividades propostas com mais facilidade e entender a relação entre a Matemática e as situações do cotidiano de forma lúdica e interativa, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem.

Na pesquisa de Schimiguel *et al.* (2015), ao aplicarem um objeto de aprendizagem no ensino de matemática financeira a alunos do curso de gestão financeira, obtiveram os seguintes resultados: 96% dos respondentes relataram que o uso do objeto de aprendizagem pode auxiliar na aprendizagem, e 77% apontaram que após aplicação do objeto, tiveram aumento do conhecimento sobre o assunto tratado.

No estudo de Ferreira e Piasson (2021), onde os alunos do ensino fundamental desenvolveram animações sobre o tema da educação financeira como objeto de aprendizagem, constataram que o recurso possibilitou o desenvolvimento da criatividade e autonomia, do pensamento computacional e matemático, promovendo um trabalho colaborativo, que motivou discussões sobre educação financeira. Observou-se ainda que o compartilhamento de ideias em torno da produção das animações promoveu um ambiente de socialização, em que a troca de conhecimentos sobressaía em relação ao individualismo.

Com a evolução das tecnologias, a educação atingiu um outro nível de desenvolvimento, pois as ferramentas disponibilizadas intensificaram a comunicação dialógica entre os sujeitos envolvidos no processo educativo, ampliando o compartilhamento de saberes e a construção coletiva do conhecimento, fortalecendo assim o pensamento crítico.

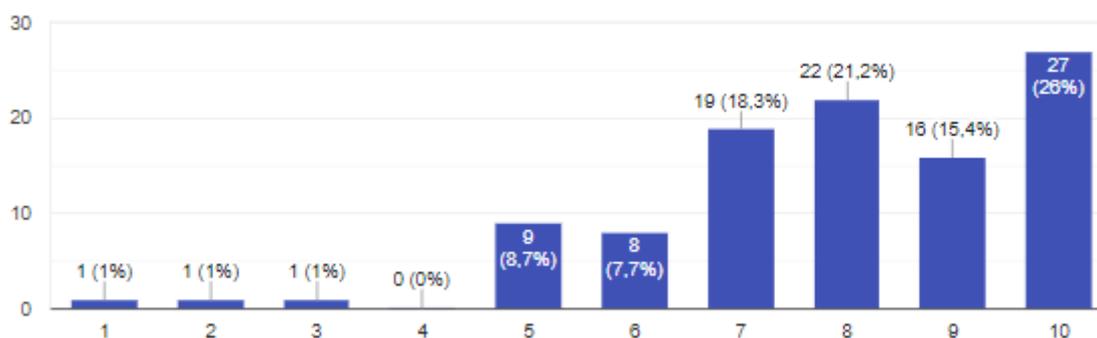


Figura 16. Mudança de percepção de futuro financeiro e organização financeira

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o avanço das tecnologias, os jovens ficaram cada vez mais expostos às informações e aos apelos mercadológicos. De acordo com a revisão de literatura realizada para fundamentar a presente pesquisa, revela-se a necessidade de conhecimento e orientações financeiras que possam auxiliá-los em várias situações, permitindo-lhes tomar decisões assertivas, de forma que possam sentir-se seguros financeiramente ao longo da vida. Verifica-se a preocupação a respeito da educação financeira tanto para os jovens, quanto para os adultos, propiciando diversas discussões a respeito do tema e atraindo atenção de profissionais de diversas áreas do conhecimento.

Por meio deste estudo buscou-se investigar como a educação financeira pode contribuir para uma consciência de gestão financeira pessoal e melhor qualidade de vida dos alunos do IFSP-SBV. Para tanto, foram elaborados dois questionários de pesquisa e uma animação audiovisual sobre o tema da educação financeira, com base na literatura pesquisada, que foram enviados aos discentes maiores de dezoito anos, por meio do e-mail acadêmico.

Participaram da pesquisa, alunos regularmente matriculados no IFSP-SBV, maiores de dezoito anos. Foram obtidas 105 respostas ao total e a análise do perfil do grupo respondente demonstrou um equilíbrio entre os sexos, em que a maioria são solteiros e de faixa etária compreendida entre 18 e 29 anos, de classe social média.

A análise dos resultados mostrou que o grupo pesquisado acredita possuir bom nível de educação financeira, e revela que recebeu tais conhecimentos por meio da internet e dos

familiares. Tal resultado sinaliza que assuntos sobre finanças estão sendo pouco discutidos nas escolas, ou ainda que os conhecimentos escolares adquiridos não estão sendo trabalhados de forma que os alunos pudessem aplicá-los na prática do cotidiano. É importante pontuar também que os jovens estão cada vez mais envolvidos à realidade tecnológica, e por isso possuem mais afinidades a buscas nas mídias online. Embora tenham declarado possuir bom nível de educação em finanças, o estudo denota também a dificuldade dos jovens em realizar o planejamento financeiro, e ressalta a relevância do instrumento para melhorar a saúde financeira das famílias, que comprometem boa parte dos rendimentos com despesas necessárias à sobrevivência, como moradia e alimentação.

A pesquisa aponta que os indivíduos não tem o hábito de analisar seus gastos, cedendo muitas vezes ao consumo imediato para satisfação pessoal ou para aceitação dentro de grupos da sociedade, favorecendo um desequilíbrio nas contas ao final do mês. Fato este que poderia facilmente ser identificado através do planejamento, permitindo analisar os hábitos de consumo, identificando os gastos que poderiam ser poupados para realizar objetivos ou mesmo para uma aposentadoria no futuro.

Os dados obtidos revelaram benefícios advindos da utilização do objeto de aprendizagem, fundamentado na revisão bibliográfica realizada sobre educação financeira, pois grande parte dos jovens envolvidos na pesquisa sentiram-se estimulados à reflexão sobre o tema da educação financeira, envolvendo a preocupação com o futuro financeiro e com o futuro do nosso planeta, após assistirem à animação.

Concluiu-se que o objeto de aprendizagem proposto sobre o tema da educação financeira mostrou-se um recurso tecnológico importante no processo de aprendizagem interdisciplinar, permitindo aos participantes da pesquisa refletirem não apenas sobre questões financeiras, mas sobre o impacto que a sociedade de consumo tem causado ao meio ambiente. A pesquisa demonstrou que o objeto educacional em educação financeira pode sensibilizar e despertar interesse sobre a questão da sustentabilidade.

O objeto de aprendizagem foi disponibilizado publicamente através de um canal no Youtube, com isso, o conteúdo elaborado pode ser amplamente utilizado por alunos, professores, ou qualquer pessoa que tenha interesse. A interoperabilidade é uma característica fundamental de um OA, permitindo que o conteúdo possa ser facilmente integrado a outros sistemas de gerenciamento de aprendizagem. Durante a elaboração do OA, foram incluídas legendas, demonstrando a preocupação com a acessibilidade. Os metadados OA foram incluídos durante a publicação do vídeo, facilitando a pesquisa, a organização e o compartilhamento. A animação adiciona ainda a capacidade de utilizar o OA em diversos contextos e cenários de ensino, o qual evidencia a característica de reusabilidade e granularidade.

Pesquisas futuras devem continuar investigando o uso deste recurso tecnológico para o desenvolvimento desta temática, avaliando outras abordagens e outras faixas etárias, a fim de se comparar a percepção dos sujeitos envolvidos como agentes de aprendizado.

Também como resultado da pesquisa, pode ser observado que há uma carência de estudos envolvendo uso de animação como objeto de aprendizagem em pesquisas sobre educação financeira.

Portanto, demonstrou-se com esta pesquisa a importância da discussão do tema da educação financeira junto aos jovens, revelando que usar as tecnologias disponíveis possibilita expandir o conhecimento sobre o assunto, trazendo perspectivas e benefícios em favor da sociedade, oportunizando o desenvolvimento de ações que poderão mudar a realidade em que estão inseridas.

Diante do exposto, pode-se afirmar que os objetivos propostos no início deste trabalho foram alcançados, uma vez que todas as etapas propostas foram percorridas, concluindo que, estando os indivíduos habilitados com conhecimentos financeiros, inseridos na sociedade com

oportunidades justas, tendo um bom relacionamento com seu dinheiro e conscientes das escolhas que fazem, podem melhorar não apenas a sua qualidade de vida, mas também a qualidade de vida do planeta, tendo em vista que nossas escolhas afetam diretamente o meio em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- AMADEU, J. R. (2009). A educação financeira e sua influência nas decisões de consumo e investimento: proposta de inserção da disciplina na matriz curricular. Dissertação de mestrado, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, Brasil.
- ANDRADE, S. R. R. et al. (2018). A integração de objetos de aprendizagem e a resolução de problemas no ensino de matemática. *Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia*, 9(23), 129-140.
- ANJOS, M. B.; RÔÇAS, G.; PEREIRA, M. V. (2019). Análise de livre interpretação como uma possibilidade de caminho metodológico. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 12(3), 27-39.
- BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BRASIL. Implementando a Estratégia Nacional de Educação Financeira. Recuperado de <https://www.bcb.gov.br/> - Acesso em 27 mai. 2021.
- BARRETO, Mauro et al. (2019). Criação e avaliação de um objeto de aprendizagem para a pegada ecológica. In: *Anais do XXV Workshop de Informática na Escola*. SBC, p. 1194-1198.
- BUENO, Caroline Kavan; NETO, Joao Coelho. (2018). Objetos de aprendizagem e o ensino de matemática: possíveis aproximações. *Revista Ciências & Ideias*, ISSN, 2176-1477.
- CARNEIRO, Mara Lúcia Fernandes; SILVEIRA, Milene Selbach. (2014). Objetos de Aprendizagem como elementos facilitadores na Educação a Distância. *Educar em Revista*, spe4(235–260).
- CARNEVALLE, Heloise Morsoletto. (2022). Tecnologia digital e a aprendizagem significativa no contexto escolar: elaboração de objeto de aprendizagem para o ensino de ciências.
- CARVALHO, Dariel; BUENO, Clerison José de Souza; PEDRO, Ketilin Mayra; SILVA, Elvio Gilberto. (2018). Estudo sobre eficácia da aplicação de um objeto de aprendizagem com alunos do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia RBECT*, 11(1). Recuperado de <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/4603> Acesso em: 14 jun. 2023.
- CERBASI, Gustavo. (2016). *Dinheiro: os segredos de quem tem* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Sextante. Recurso Digital. Formato: ePub.
- DA SILVA, Me Carlos Viana; RIBEIRO, Vinicius Gadis; DA SILVA, André. (2015). CAUSA & EFEITO: objeto de aprendizagem para auxílio à elicitação de requisitos de sustentabilidade. *Mix Sustentável*, 1(2), 116-125.
- DIAS, C. D. O.; ARENAS, N. C. D. S.; ARENAS, M. V. D. S.; SILVA, R. M. P. D. (2019). Perfil de educação financeira dos acadêmicos dos cursos de ciências contábeis, administração e economia de uma instituição federal de ensino superior brasileira. *Brazilian Applied Science Review*, 3(5), 2190–2211. DOI: 10.34115/basrv3n5-022. Recuperado de <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BASR/article/view/3986>. Acesso em: 2 jun. 2023.
- DOS SANTOS, Thiago; DE SOUZA, Maria José Barbosa. (2014). Fatores que influenciam o endividamento de consumidores jovens. *Revista Alcance*, 21(1), 152-180.
- FERREIRA, Fernanda Cruz; PIASSON, Diego. (2021). Educação financeira com o Scratch. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico*, 7. DOI: <https://doi.org/10.31417/educitec.v7.1361>.
- FERREIRA, João Batista; CASTRO, Iara Maria. (2020). EDUCAÇÃO FINANCEIRA: Nível de conhecimentos dos alunos de uma Instituição de Ensino Superior. *Revista de Administração e Negócios da Amazônia*, 12(1), 134-156.

- FERREIRA, Juliana Cezario. (2017). A importância da educação financeira pessoal para a qualidade de vida. *Caderno de Administração*, 11(1).
- FERREIRA, Marco Túlio Lima. (2017). O nível de educação financeira e finanças pessoais dos alunos da Universidade Federal De Uberlândia-MG. Recuperado de <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19485> Acesso em: 28 jun. 2023.
- FRANCISCHETTI, Carlos Eduardo; CAMARGO, Lumila Souza Girioli; DOS SANTOS, Nilcéia Cristina. (2014). Qualidade de vida, sustentabilidade e educação financeira. *Revista de Finanças e Contabilidade da Unimep*, 1(1), 33-47.
- GANS, Evelyn Bugno Schibelbain; GANS, Johnny Roger Marugal; OLIVEIRA, Luciana Téche Vieira; MOREIRA, Pedro da Rosa; FILHO, Amilton Dalledone. (2016). A importância da educação financeira para a estabilidade econômica e independência financeira de pessoas de baixa renda. *Revista da FAE*, 1, 93-102.
- GARCIA, Fabiane Tubino; RAMOS, Thadeu José Francisco; ANTUNES, Daniele França. (2019). Educação para a sustentabilidade financeira. *RAÍZES E RUMOS*, 7(1), 25-30.
- GIL, Antonio Carlos. (2017). Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- GOMES, Magno Federici; FERREIRA, Leandro José. (2018). Políticas públicas e os objetivos do desenvolvimento sustentável. *Direito e Desenvolvimento*, 9(2), 155-178.
- GONÇALVES, Marina; NEVES, Rafael Felipe Coelho. (2021). Educação financeira como estratégia na Formação Integral dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, 1(20). DOI: <https://doi.org/10.15628/rbept.2021.10019>
- INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. (2018). Recuperado de <https://drive.ifsp.edu.br/s/DH1qwnCEgNj0KC#pdfviewer>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- KOTLER, P.; KELLER, K. L. (2006). *Administração de marketing*. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- LAGO, Filipe Wesley Gomes; REIS, Jovelina Maria Oliveira. (2016). Sociedade de consumidores na visão de Bauman e Drummond: uma análise comparativa firmada na interdiscursividade nas obras dos autores. *Cadernos Zigmunt Bauman*, 6(12).
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. (2017). *Metodologia do trabalho científico*. 8. ed. São Paulo: Atlas.
- MENDES, Rozi Mara; SOUZA, Vanessa Inácio; CAREGNATO, Sônia Elisa. (2004). A propriedade intelectual na elaboração de objetos de aprendizagem. *Encontro Nacional de Ciência da Informação*, 5.
- Messias, J. F., Silva, J. U., & Silva, P. H. C. (2015). Marketing, Crédito & Consumismo: Impactos sobre o endividamento precoce dos jovens Brasileiros. *Revista ENIAC Pesquisa*, 4(1), 43–59. DOI: 10.22567/rep.v4i1.232. <https://ojs.eniac.com.br/index.php/EniacPesquisa/article/view/232>.
- Minella, J. M., et al. (2017). A influência do materialismo, educação financeira e valor atribuído ao dinheiro na propensão ao endividamento de jovens. *Revista Gestão & Planejamento*, 18, 182-201.
- Mozzato, A. R., Carrion, R. M., & Moretto, C. F. (2014). Globalização, desenvolvimento sustentável e governança: a importância dos espaços socioterritoriais. *Ensaio FEE*, 35(1).
- Nakamura, J., & Barbosa, M. (2020a, 4 de março). 4 em cada 10 brasileiros querem reduzir gastos em 2020, indica pesquisa CNDL/SPC Brasil. SPC Brasil. <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/7245>.
- Nakamura, J., & Barbosa, M. (2020b, 16 de março). 8 em cada 10 inadimplentes sofreram impacto emocional negativo por conta das dívidas, revela pesquisa CNDL/SPC Brasil. SPC Brasil. <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/7266>.

- Neri, M. C. (2022). Mapa da Nova Pobreza, Rio de Janeiro, RJ – junho/2022 - FGV Social. <https://cps.fgv.br/en/NewPovertyMap>.
- Neri, M. C. (2020). Efeitos da pandemia sobre o mercado de trabalho brasileiro: Desigualdades, ingredientes trabalhistas e o papel da jornada, Rio de Janeiro, RJ – Setembro/2020 - FGV Social. <https://www.fgv.br/cps/Covid&Trabalho>.
- Nesi, T. L., et al. (2019). Objetos de Aprendizagem de Matemática: um panorama do que diz em alguns estudos no Brasil. *RENOTE*, 17(1), 557-566.
- OECD – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (s.d.). Convenção sobre a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
- OECD – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (2021). *Trabalhando com o Brasil*
- ODS – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. (2022). *Agenda*
- Prado, A. B. (2015). Educação financeira: a visão de jovens universitários sobre as finanças familiares. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/1135>.
- Pinori, B. P. (2021). Educação financeira e uso de mídias sociais: uma análise exploratória. <https://bdm.unb.br/handle/10483/31485>.
- Piccini, R. A. B., & Pinzetta, G. (2014). Planejamento financeiro pessoal e familiar. *Unoesc & Ciência - ACSA*, 5(1), 95–102. <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/acsa/article/view/4555>.
- Poletto, A. L., Manfredini, A. M. N., & Grandesso, M. (2015). A responsabilidade relacional como recurso para o uso do dinheiro nas relações familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 24(52), 52-63.
- Quintana, A. C., & Pacheco, K. V. (2018). Percepção dos estudantes do ensino fundamental sobre a educação financeira e o consumo consciente. *Educação Online*, 13(27), 130-150. DOI: <https://doi.org/10.36556/eol.v13i27.361>
- Raworth, K. (2019). *Economia Donut: uma alternativa ao crescimento a qualquer custo*. (G. Schlesinger, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Rosini, A. M., et al. (2015). Educação Financeira, Consumo e Sustentabilidade Ambiental. *REPAE-Revista de Ensino e Pesquisa em Administração e Engenharia*, 1(1), 3-14.
- Rovai, G. A., & Silva, M. L. R. (2022). A empatia e a tolerância na educação infantil: reflexões sobre o currículo e formação de professores. *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, 12(28).
- Savoia, J. R. F., Saito, A. T., & Santana, F. A. (2007). Paradigmas da educação financeira no Brasil. *Revista de Administração Pública*, 41(6), 1121-1141. <http://www.scielo.br/pdf/rap/v41n6/06.pdf>.
- Schimiguel, J., Oliveira, L. P., & Junior, H. R. (2015). Experiência do uso de Objetos de Aprendizagem no ensino de Matemática Financeira. *Revista de Informática Aplicada*, 11(1). https://www.seer.uscs.edu.br/index.php/revista_informatica_aplicada/article/view/6877.
- Silva, F. O., Mucelin, C. A., Cardoso, C. A., & Müller, M. R. (2012). Objetos de aprendizagem no contexto educacional: o filme e a animação. *Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnológica RECIT*, 3(5). <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/4171>.
- Silva, J. S., & Nicodem, M. F. M. (2021). O uso das tecnologias na educação: facilitador da aprendizagem. *Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnológica RECIT*, 12(31). em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/recit/article/view/04718/4718>.
- Silveira, A. F., Do Nascimento Ferreira, R., & De Almeida, M. S. (2020). Período acadêmico, nível de consumo, planejamento financeiro: como está a educação financeira dos alunos de graduação na Universidade de São João Del-Rei. *Revista Gestão em Análise*, 9(2), 126-140.
- Souza, D. P. (2019, 4 de outubro). Famílias com até 2 salários gastam 61% do orçamento com alimentos e habitação. Agência de Notícias IBGE. [!\[\]\(598596f6c4473ad131014a5892d7b45b_img.jpg\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-</p>
</div>
<div data-bbox=)

noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25606-familias-com-ate-dois-salarios-gastam-61-do-orcamento-com-alimentos-e-habitacao..

SPC Brasil. (s.d.). Serviço de Proteção ao Crédito.
<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/7266>.

SPC Brasil. (s.d.). Serviço de Proteção ao Crédito.
<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/7245>.

Tarouco, L. M. R., et al. (2014). *Objetos de Aprendizagem: teoria e prática*. Porto Alegre: Ed. Evangraf.

Tavares, R. (2010). Aprendizagem significativa, codificação dual e objetos de aprendizagem. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, 18(02), 04.

Vasconcellos-Silva, P., & Araujo-Jorge, T. (2019). Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. *CIAIQ2019*, 2, 41-48.

Vilela, R. B., Ribeiro, A., & Batista, N. A. (2020). Nuvem de palavras como ferramenta de análise de conteúdo. *Millenium*, 11, 29-36.

